

Instituto Superior de Contabilidade e Administração do Porto

Estudos Interculturais

**INTERCULTURALIDADE**

**NA**

**GUERRA PENINSULAR**

**(1807 – 1814)**

João Pedro Santos Silva

Nº 2121148



## ÍNDICE

I. Introdução.....	1
II. Portugal no início do século XIX.....	2
III. França no início do século XIX.....	4
IV. Grã-Bretanha no início do século XIX.....	5
V. Conflito de Culturas.....	6
VI. Conclusão.....	11
VII. Bibliografia.....	12



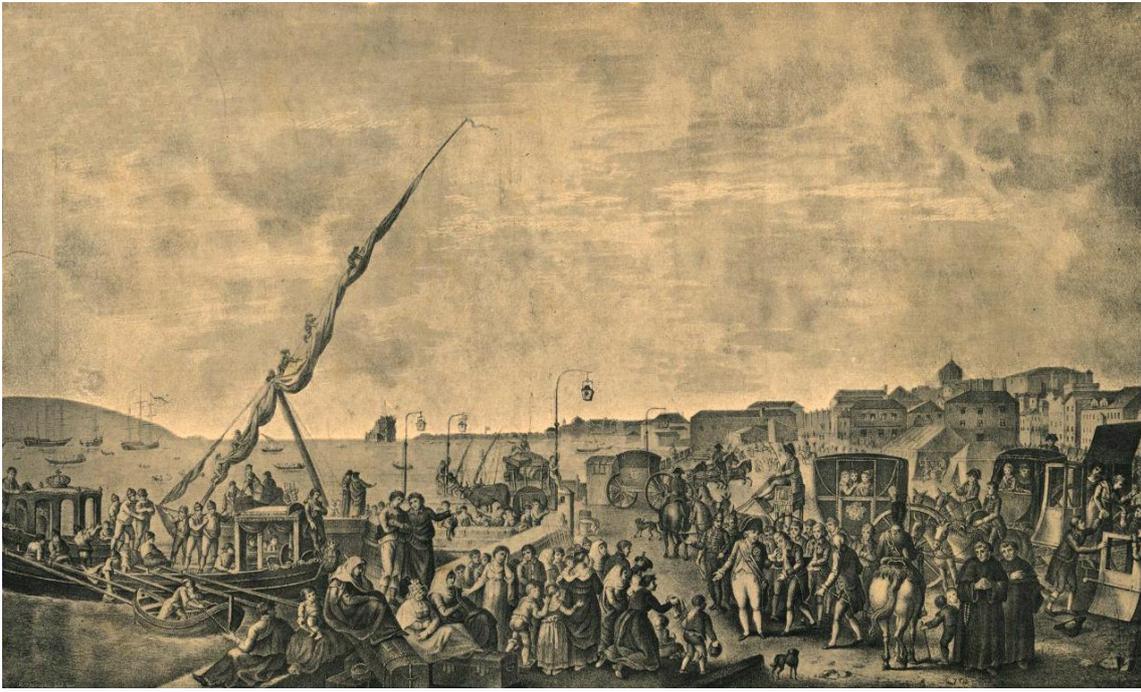
## **Introdução**

Este trabalho visa dar a conhecer uma breve análise do embate de culturas ocorrido em Portugal durante a guerra peninsular napoleónica do início do século XIX.

Começando por descrever a contemporaneidade das culturas envolventes, nomeadamente a Portuguesa, Francesa e Britânica durante o período deste conflito, bem como resumir alguns aspetos interessantes da interação entre elas que marcou um dos períodos mais sangrentos da história moderna.

Terminando então com uma breve conclusão sobre o processo intercultural envolvente e o que este influenciou na mente, tanto dos protagonistas, como na sociedade atual do século XXI.

## Portugal no início do século XIX



Atrás ficava um século atribulado devido a um influxo imenso de riqueza proveniente do ouro brasileiro, um terramoto de proporções bíblicas que devastou a capital do império, a sua reconstrução e policiamento pela mão de ferro do Marquês de Pombal, a crescente loucura de uma rainha em guerra aberta com o seu governo, e a mais que popular revolução francesa.

No entanto, o início do século XIX provaria ser tão ou mais violento quando devido a interesses marítimos e a uma aliança antiga (Tratado de Windsor), Portugal rejeitou o bloqueio continental proposto pelo mais que famoso imperador dos franceses, Napoleão Bonaparte.

Com uma guerra contra poderosíssimo exército francês mais do que iminente, a corte real portuguesa procurou o apoio britânico para uma eventual fuga às tropas comandadas por Jean-Andoche Junot que caminhavam a passo largo em direção a Lisboa.

E foi então que a famosa trasladação da corte real portuguesa para o Brasil ocorreu, uma fuga com poucos dias de antecedência à chegada das tropas francesas a Lisboa.

Um plano bem-sucedido para os Bragança e os Britânicos, mas de todo desastroso para o povo Português vítima de um país em recuperação económica, sem qualquer política industrial decente, com a maior parte do seu território em mau estado e ocupado por tropas estrangeiras, e agora com a moral totalmente em baixo pela fuga da família real e da sua classe “armada”.

É neste cenário que o povo português e a sua cultura se defrontam com a dos franceses e posteriormente convivem com a dos britânicos, desde já um meio bastante hostil á interculturalidade mas que possibilitam grandes objetos de estudo para quem não teve de passar por ela.



### **França no início do século XIX**



No início do século XIX a França está no auge da sua glória continental, o “filho” da revolução francesa coroa-se imperador dos franceses, rei de Itália e protetor das Confederações do Reno e planeia um bloqueio continental ao império britânico para enfraquecer o seu verdadeiro inimigo e por fim fechar a Europa na sua mão política e militar.

O próximo passo seria Portugal, o maior porto de entrada para o comércio entre britânicos e o continente europeu mas após este país rejeitar os termos do bloqueio napoleónico, um plano franco-espanhol de invasão foi assinado em Fontainebleau para conquistar Portugal e dividir o território em três partes á posteriori.

Assim começa a posição francesa para o confronto intercultural com Portugueses e Britânicos em território lusitano, com uma atitude agressiva e de superioridade desafiada pelo obrigatório passo por Espanha e testada ao limite na trajetória nacional até Lisboa.

Talvez Napoleão arrependeu-se de não participar neste teatro com o seu histórico génio militar, mas Junot e Masséna provaram ser mais do que suficiente para forçar os limites da coragem dos portugueses abandonados ao seu destino.

## Grã-Bretanha no início do século XIX



Não existem dúvidas que no início do século XIX a dimensão do império Britânico e o seu poder naval sem qualquer competição faziam desta nação a pedra no sapato de Napoleão e vice-versa. O seu poder industrial era imenso e os seus comandantes militares não muito inferiores aos de Bonaparte. Mas o impasse era o mesmo, França dominava a terra e a Grã-Bretanha os mares, ou seja, um jogo de xadrez bastante perigoso mas enclavado política e economicamente.

É precisamente a invasão francesa a Portugal e a guerra peninsular que abrem uma brecha neste impasse, uma oportunidade para os britânicos atuarem no continente com apoio suficiente para não serem destruídos de imediato pelo exército de excelência da altura.

Após a fuga da corte real portuguesa para o Brasil, os britânicos tem rédea livre para usar Portugal como entrave a Napoleão e ponto de partida para a expulsão dos franceses da península ibérica, apontando Sir Arthur Wellesley Duque de Wellington, como o comandante a cargo de formar um exército anglo-português para evitar a queda de Lisboa.

## Conflito de Culturas

*Toda a cidade ou povoação onde se tiver pegado em armas contra o meu Exército, e cujos habitantes fizerem fogo sobre a tropa francesa, será entregue ao saque, destruída totalmente, e os seus moradores passados ao fio da espada.*

*Todo o indivíduo colhido de mão armada, será logo espingardeado.*  
Proclamação de Junot (1808)

De frisar que antes de tal ameaça, Junot tentou de um modo mais amigável e incrédulo um apelo ao apoio dos portugueses em detrimento dos britânicos.

O que acontece é que, na mesma proclamação, ameaça com total desdém e sem escrúpulos toda uma população com uma retaliação mortal o que indica que para além da falta de amigabilidade com outra cultura mostra uma atitude bastante “colonial” de que os portugueses desde á muito conhecem e introduziram em massa. Promete liberdade e ao mesmo tempo nega-a no mesmo discurso...

*“[...] destroços de viaturas abandonadas, material de guerra de toda a espécie; cadáveres de animais e homens insepultos ... soldados moribundos ... povoações desertas ... agora as suas casas sem portas nem janelas porque todas tinham servido para alimentar as fogueiras ... igrejas desmanteladas e com os pavimentos cobertos de excrementos de cavalos [...]”*

Botelho pág.424

Convêm recordar que num contexto de guerra (no terreno e não na proclamação, obviamente) muitos conceitos como racismo, etnocentrismo e essencialismo tornam-se um pouco subjetivos mas nunca ausentes, mesmo em retirada as tropas de Masséna deixam cadáveres portugueses insepultos na sua própria nação bem como igrejas completamente devastadas...

Esta combinação de atitudes contra um país, na altura, extremamente religioso e com princípios católicos ainda bem vinculados na sua sociedade, demonstra um completo desdém pela cultura a que se enfrentam e uma grande dose de lenha para uma fogueira já de si enorme.

*“o dilema era o da morte por asfixia [Inglaterra] ou por invasão [França]”*

Para os Portugueses de classe média e baixa tanto os Franceses e os Britânicos eram percebidos como arrogantes, a dúvida era a benevolência da arrogância de cada um. Isto devido a que no início do século XIX França e o Império Britânico eram os maiores poderes europeus e mundiais, logo um complexo de superioridade era de esperar de ambos, bem como um de inferioridade dos restantes. Desses complexos se alimenta a desconfiança e o orgulho, poderosos fatores de qualquer interação cultural...

Os “fighting cocks” de Wellington (os caçadores portugueses), curiosamente, eram mais mal tratados pelo governo português do que pelo exército invasor já que o próprio duque chegou a enviar várias cartas para Inglaterra a pedir aos seus superiores que pagassem aos soldados portugueses pela sua enorme bravura e sucesso que mais se devia ao sustento alimentar britânico do que às suas instruções. Tanto as forças britânicas como francesas eram pagas para combater a preço de ouro, no entanto o governo português fazia de tudo para não tocar nos cofres nacionais nem pelo seu povo em tempo de guerra. Esta atitude reflete uma cultura de ganância emergente na classe alta em Portugal devido ao estado do país, que podia cair a qualquer momento.

O dilema está em que apesar do respeito e admiração de Wellington e dos seus comandantes para com os portugueses, eles são só instrumentos do Império Britânico, que vê Portugal como um meio para atingir um fim. Tal como os Franceses e os Espanhóis, o amigo de hoje pode ser o inimigo de amanhã.



Tanto Franceses como Britânicos descreviam as roupas e equipamento dos soldados portugueses como pobre para os dias de então e seriamente em necessidade de modernização, apesar de provarem ser soldados de extrema coragem e ordem a falta de equipamento aceitável durante as guerras napoleónicas podia traduzir-se numa morte rápida e sem glória alguma. Neste caso não era só etnocentrismo, mas também a dura realidade...

Mesmo os portugueses recrutados para a legião portuguesa do Grand Armée de Napoleão, apesar de elogiados pelo próprio imperador pela sua atitude e esforço (chamava-lhes Infantaria Negra com intenção elogiosa), também foi-lhes dado equipamento bastante mais útil para os tempos que decorriam e para não serem ridicularizados em sociedade durante as campanhas pelo continente.

De notar também as imensas cartas dos generais franceses para Paris e Madrid a informar do estado penoso das estradas portuguesas do interior que davam acesso ao alvo litoral, ou seja Lisboa e Porto. Os Britânicos também o mencionaram, mas como um fator aliado á sua causa de manter os franceses a uma distância segura da construção das famosas linhas de Torres Vedras, que viriam a ser cruciais para o contra-ataque anglo-português.

Muitos portugueses vitimados por um hierarquismo nacional próprio do feudalismo acabaram por ser respeitados e extremamente necessários para a coligação anglo-portuguesa durante a guerra, trata-se da classe baixa de agricultores das zonas do interior, habituados a caçar em zonas montanhosas e a lidar com armas de fogo desde crianças, com um pouco de treino em táticas de infantaria militar pelos britânicos tornaram-se em valiosos soldados.

Indivíduos, que em qualquer outra circunstância seriam alvo de chacota de Franceses por serem de um país inferior e dos Britânicos por serem de classe baixa no sistema feudal, tornam-se assim em salva-vidas de uma cultura social riquíssima mas injustamente hierarquizada.

Uma guerra pode ser causa de várias avaliações interculturais, mas torna-se engraçado quando no meio da batalha, da violência e da morte essas avaliações tornam-se obsoletas e por vezes até servem o efeito contrario ao inicial.

Países declaram guerra a outros muitas vezes por construções de identidade, o mais forte considera atacar o mais fraco, ou o mais rico atacar o mais pobre, mas no teatro de batalha e no âmbito individual as peças são espalhadas por todo o lado e reposicionadas muitas vezes numa posição distinta alvo de juízos de valor completamente distintos antes do conflito.

***Chaos is a ladder...***



Pensando no papel da mulher na Guerra Peninsular, não nos podemos socorrer apenas das fontes tradicionais onde a abordagem direta à mulher é escassa, e estas não podem ser lidas de forma linear e textual, como meras narrativas tradicionais, até porque a história das mulheres é feita de silêncios e de papéis perdidos para o mundo.

*“o povo, o devoto sexo feminino se debulhava em lágrimas e suspiros vendo desmanchar as peças de prata compostas (provenientes das igrejas); porém não rompia em vozes sediciosas, ou increpações contra os autores daquelas medidas: a prudência ensina a acautelar-se dos portugueses franceses, piores que os próprios franceses”*

As mulheres sofriam em silêncio perante a brutalidade e os sacrilégios cometidos. Não só eram vítimas do machismo natural dos tempos passados, mas em tempo de guerra eram consideradas como objeto alheio o que se tornou insuportável, por isso vemos tantos retratos do povo feminino a participar intensamente na guerra peninsular.

A quantidade de violações sexuais durante a guerra peninsular foi astronómica, por toda a península e por parte de Franceses, Britânicos e até Portugueses e Espanhóis que aproveitaram sem remorsos a noção quase pré-histórica de “spoils of war” ...



## **Conclusão**

No teatro nacional da guerra peninsular assistiu-se ao conflito de vários aspetos das culturas envolventes, uma interculturalidade rápida e violenta.

Começando por um etnocentrismo das culturas mais poderosas no panorama europeu nos inícios do século XIX, França e Grã-Bretanha, para com um Portugal já em decadência imperial e histórica.

Franceses e Britânicos atacavam-se em opiniões xenófobas alimentadas por guerras medievais entre as duas potências mas coincidiam na inferioridade atual de Portugal para com elas em todos os sentidos, militares, económicos, sociais e religiosos. Contudo ao longo da guerra o indivíduo em si, participe da violência e da necessidade de cooperação mostrou sinais de respeito intercultural, como foi o caso dentro do convívio da aliança anglo-portuguesa. A noção das realidades humanas que nos unem tornaram-se evidentes no meio de tanta violência, e daí o processo intercultural fez-se mais auxiliário á causa em questão.

Obviamente a opinião dos Franceses, na sua grande maioria, não mudou em relação ao valor da cultura social Portuguesa e muito menos Britânica, mas isso faz parte do contexto bélico entre adversários.

Infelizmente a interculturalidade entre as três nações não trouxe nada de novo em relação á subjugação do sexo feminino, mesmo no século XIX o papel da mulher tinha pouca publicidade e importância para o mundo machista contemporâneo, e em tempo de guerra tudo piora, ao ponto da mulher ter dito basta e juntar-se ao campo de batalha para defender não só o seu país, mas principalmente a sua integridade.

A sociedade atual do século XXI olha para o processo intercultural deste conflito como uma luz ao fundo do túnel, no meio de tanto racismo, machismo, etnocentrismo e essencialismo algo de respeito cultural surgiu ao longo do tempo pós-guerra. Um indivíduo é mais que um país ou uma bandeira, é uma cultura e ao longo da história muitos deram a vida pela sua...

## **Bibliografia**

BUTTERY, David. *A Primeira Invasão de Portugal, 1807-1808 Wellington contra Junot*

Gavin, Daly. *The British Soldier in the Peninsular War Encounters with Spain and Portugal, 1808-1814*

ALMEIDA, Tereza Caillaux. *Memória das Invasões Francesas em Portugal*

SARMIENTO, Valeria (2012) *Lines of Wellington*